



APRESENTAÇÃO ÁGUA VIVA 2018.1

DOI: 10.26512/aguaviva.v3i1.12207

A produção científica no Brasil cresceu 3,5 vezes nos anos compreendidos entre 2001 e 2011, e um dos atores nesse cenário são as revistas acadêmicas. Ao proporcionarem um canal para a publicação dos resultados das pesquisas realizadas, as revistas acadêmicas representam um incentivo à produção intelectual. Assim também o fato de que elas tornam o conhecimento mais acessível e mais fácil de ser localizado, tornando menos árduo o trabalho de pesquisa necessário para a produção de conhecimento.

É nesse meio de circulação de ideias que se insere a Revista Água Viva (RAV). Trazendo a público a produção dos alunos de programas de Pós-Graduação, ela faz parte dessa rede de publicização e democratização do conhecimento. E democratização, nos tempos que correm, é algo a ser valorizado.

A edição atual da RAV traz artigos que utilizam aportes teóricos diversos e se debruçam sobre corpus diferentes, e essa diversidade contribui para que ela cumpra suas funções precípuas. Antonio Aparecido Mantovani e Rosana Barros Varela aparecem com artigo intitulado **A CASA E A TELA EM A DANÇA DO JAGUAR: ESPACIALIDADES FANTÁSTICAS**, sobre o romance de Tereza Albués. Utilizando um aporte teórico que contempla tanto os autores de amplo reconhecimento sobre o fantástico como gênero quanto autores mais recentes, além de outros, na medida do necessário para a análise da obra, o artigo aponta a presença do sobrenatural em um romance que tem como cenário uma casa vitoriana, propícia portanto às manifestações do sobrenatural, e uma narradora autodiegética que, ao mesmo tempo que estabelece um pacto de verossimilhança com o leitor, coloca sob dúvida os fatos narrados. A casa, sugestivamente, se situa na Baker Street, endereço de um dos detetives mais famosos da literatura ocidental, o que indica também um romance no qual uma investigação é central ao enredo.

Abraão Lincoln Ferreira Costa, por sua vez, parte da filosofia para analisar *Os anos de aprendizagem de Wilhelm Meister*, em **RELAÇÕES ENTRE O ILUMINISMO ALEMÃO E A CONCEPÇÃO GOETHIANA DE FORMAÇÃO**. O artigo discute a tensão entre o utilitarismo burguês e o significado original de *Bildung*, como aprimoramento pessoal não necessariamente visando fins práticos que permeava a filosofia alemã do Iluminismo, da mesma



forma com o conceito de *Kultur*, o *locus* no qual a *Bildung* pode acontecer. Adriana Mattoso Rodrigues, em **O ÁLBUM ENCANTADO, A RAINHA BRANCA ESPARTILHADA E A SACOLA - ELEMENTOS GÓTICOS NO CONTO DE FORMAÇÃO O ESPARTILHO DE LYGIA FAGUNDES TELLES**, também utiliza o conceito de *Bildungsroman* para analisar *O Espartilho*, de Lygia Fagundes Telles. No caso, o conceito utilizado é o de narrativa de formação feminina, uma vez que a protagonista, Ana Luísa, narra seu próprio processo de formação, condicionado pelas condições colocadas por uma sociedade racista e patriarcal.

TEORIA E PRÁTICA DA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL NO ENSINO FUNDAMENTAL: DESENCONTROS E CONFLITOS, de Pedro Afonso Barth, discute o descompasso entre o que já se estabeleceu como consenso sobre a importância do contato dos alunos, desde o ensino fundamental, com o texto literário, e a vivência, na prática, de alunos e professores, com ele. Essa vivência é condicionada, por um lado, pelos currículos em uso nas escolas, e por outro, pela formação do professor dentro das universidades. Por um lado, o currículo atualmente em vigência no Estado do Rio Grande do Sul contempla de forma apropriada o ensino de língua e literatura; por outro, a formação dos professores está falhando em dar a ênfase merecida à literatura infanto-juvenil como um dos componentes mais relevantes da formação de professores. A seguir, o autor analisa um plano de aulas de uma escola de porte médio e conclui que, embora bem elaborado, é genérico e permite ao professor simplesmente desconsiderar o texto literário como parte importante do corpus a ser lido em sala de aula – um risco não desprezível se considerarmos os problemas na formação dos professores. Embora ressalte o caráter inicial de sua pesquisa, o autor indica que o assunto deve nos preocupar para que encontremos soluções para ele.

O romance *Azul Corvo*, de Adriana Lisboa, compõe o corpus de **LUTO E MELANCOLIA EM AZUL-CORVO, DE ADRIANA LISBOA**, de Marcos Celso Prado Santana, analisado a partir dos conceitos de luto e melancolia segundo Freud. Da mesma forma que há uma narrativa dentro da narrativa, a que contempla a participação de Fernando na Guerrilha do Araguaia, inserida na que se debruça sobre a tentativa de Vanja de encontrar seu pai após a morte da mãe, Fernando exemplifica a vivência da melancolia, enquanto a Vanja toca o luto.

Em **O NACIONAL-POPULAR NA FICÇÃO DE VIVA O POVO BRASILEIRO: INVESTIGAÇÕES HISTÓRICAS**, Anderson Silveira de França e Crisandeson Silva de Miranda discutem o termo “nacional-popular” no âmbito do romance *Viva o povo brasileiro*,



de João Ubaldo Ribeiro. Os autores discutem o romance histórico – gênero a que o corpus é filiado – a partir das ideias de Lukács, segundo o qual o gênero se define por trazer conteúdo histórico factual encenado por meio de personagens ficcionais. Para chegar ao conceito de nacional-popular, os autores discutem o romance histórico em terras brasileiras, e utilizam os conceitos desenvolvidos por Gramsci e Marilena Chauí. A leitura do romance destaca o fato de que ele recobre 4 séculos de resistência dos negros em um processo de colonização no qual os mais espertos – potencialmente mais cruéis, e usualmente brancos – tem uma vantagem distinta.

Em **O USO DO GÊNERO FÁBULA COMO POTENCIALIZADOR DO PROCESSO DE LEITURA E (RE)ESCRITA NO ENSINO FUNDAMENTAL** de Rachel Alves Dias e Gasperim Ramalho de Souza trazem o relato de uma pesquisa de campo sobre a atividade de reescritura com alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental, partindo do gênero fábula, cuja escolha se deve a vários fatores: sua extensão, manejável pelo público alvo, e por sua temática, também adequada para a faixa etária em questão. A aplicação é descrita de forma bastante detalhada e traz subsídios aos profissionais da alfabetização. Outro texto que explora as relações entre literatura e educação é **QUESTÕES DE EMPODERAMENTO NO ENSINO DE LITERATURA DRAMÁTICA**, de Júnio César Batista de Souza e Maria da Glória Magalhães dos Reis. Os autores utilizam os conceitos de empoderamento, partindo de Paulo Freire, de oralidade e performance, segundo Paul Zumthor e de texto dramático, cujas peculiaridades, exploradas pelo texto, são apresentadas como meio eficiente de promover o empoderamento dos alunos.

Ainda no campo da interface entre literatura e ensino, Eliene Rodrigues Ferreira, Maysa Vieira de Paula e Renato de Oliveira Dering apresentam **BREVES REFLEXÕES SOBRE LEITURA, LITERATURA E LETRAMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**. Partindo do pressuposto de que os anos iniciais de escolaridade tem função preponderante na formação do hábito de leitura nos alunos, os autores propõem explorar a oralidade como forma de promover o letramento. Dar voz às experiências dos alunos constitui prática pedagógica que permite acesso ao texto escrito, tornando a leitura prazerosa. Rita Jover-Faleiros também falará da atividade leitora em **RETRATOS DA LEITURA, RETRATOS DO LEITOR: GESTOS, ESPAÇOS, HÁBITOS**. O artigo apresenta os resultados da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil” no que tange à representação da leitura presente nos enunciados selecionados pelos entrevistados. Uma das conclusões é a de que a leitura se torna indissociável da atividade escolar e isso implica que ela não é de fato apropriada pelos alunos para utilização em suas



vidas fora do contexto escolar. A representação da leitura como atividade prazerosa ocorre de forma minoritária.

A PRESENÇA DO HERÓI NEGATIVO EM O BERÇO DO HERÓI E ROQUE SANTEIRO, de Rondinele Aparecido Ribeiro, parte dos pressupostos de Anatol Rosenfeld para analisar a personagem Roque Santeiro tanto na novela *Roque Santeiro* quanto na peça teatral que lhe deu origem, *O berço do herói*. Destacando que a obra de Dias Gomes tem caráter crítico de sua realidade e recorre a várias formas teatrais nesse intento. As obras que compõe o corpus analisado são afiliadas ao gênero tragicomédia e apresentam traços farsescos. Em virtude do gênero adotado, o herói não poderia ser um herói clássico, assim, Roque Santeiro é construído como um herói negativo. Em ambas as versões, temos um herói que é alçado a essa posição à revelia, mas as diferenças são várias. A peça sofreu censura e quase levou à prisão do autor e do prefaciador; ao ser levada para a televisão, onde Dias Gomes passou a trabalhar por falta de outros espaços em virtude da censura, precisou sofrer diversas modificações, e ainda assim foi proibida, sendo levada ao ar apenas 10 depois, já no período da abertura.

Maria Rafaelle de Moura Silva, Francisco Jeimes de Oliveira Paiva e Fátima Maria Leitão Araújo apresentam uma leitura de O triste fim de Policarpo Quaresma, em **UMA ANÁLISE LITERÁRIA DE POLICARPO QUARESMA EM O TRISTE FIM DE POLICARPO QUARESMA, DE LIMA BARRETO: NACIONALISTA OU LOUCO? DE TUDO UM POUCO!** Utilizando um aporte interdisciplinar, os autores centram sua análise no protagonista, destacando os elementos da cultura da época trazidos pelo romance e a crítica entalhada no nacionalismo excessivo de Quaresma.

Em **A CARNAVALIZAÇÃO DO DIABO NA LITERATURA BRASILEIRA: UM ESTUDO COMPARADO ENTRE ÁLVARES DE AZEVEDO E MACHADO DE ASSIS**, Augusto Rodrigues da Silva Junior e Marcos Eustáquio de Paula Neto trazem a figura do diabo nos textos bíblicos e na cultura popular, para contrasta-la com as personagens do conto A igreja do diabo, de Machado de Assis e da peça Macário, de Álvares de Azevedo. O conceito de carnavalização, de Bakhtin, é utilizado, e a figura do diabo é apresentada como um vetor da alteridade e dessa forma expõe as contradições da condição humana.

Rosa Maria Severino Ueno, em **DA PRÁTICA À TEORIA – O CONTO NA PERSPECTIVA DE QUATRO CONTISTAS**, apresenta uma teoria do conto enquanto gênero literário baseada tanto nas reflexões quanto na prática de quatro grandes contistas, a



saber, Edgar Allan Poe, Anton Tchekhov, Horacio Quiroga e Julio Cortázar. A autor revisita a história do gênero, bem como diversas teorias do conto, e destaca que a concisão é um aspecto importante na construção desse tipo de narrativa, e como corolário, a unidade de efeito. Afora as características comumente aceitas do conto, no entanto, cada autor selecionado dará a sua contribuição para uma teoria do conto.

Vítor Castelões Gama, em **MACHADO DE ASSIS: PULSÃO DE MORTE EM O IMORTAL**, utiliza um aporte freudiano para discutir a ideia de imortalidade e a pulsão de morte no corpus escolhido. O protagonista, que significativamente não é o narrador, fugiu de um mosteiro quando das invasões holandesas – considere-se que a narrativa é contada no sec. XIX – e recebe de um velho indígena um elixir da vida eterna. Sua vida passa a se desenrolar como uma luta entre as pulsões de vida e de morte. É seu filho, o narrador, um médico homeopático, que consegue libera-lo da vida eterna – o que coloca a própria narrativa, como soem ser as narrativas machadianas, sob suspeição.

Por fim, podemos dizer que esse número da Revista Água Viva (RAV) apresenta artigos escritos por pessoas de diversas universidades, sobre diversos temas, contribuindo assim com a diversidade que é parte fundamental da democracia.

Profa. Dra. Cíntia Carla Moreira Schwantes
Editora Chefe